

# Os oceanos, Magalhães e o Tempo

Carlos Herdeiro

Nestes dias da pandemia Covid-19 refletimos sobre a globalização. Celebramos também os 500 anos de um marco da globalização, que muito tem a ver com os Oceanos: a primeira viagem de circum-navegação do globo, iniciada em 20 de Setembro de 1519, comandada por Fernão de Magalhães, e finalizada a 6 de Setembro de 1522, sob a liderança de Juan Sebastián Elcano.

O relato dessa viagem, chegou-nos pelas notas de Antonio Pigafetta (“*Relazione del Primo Viaggio Intorno Al Mondo*”), publicadas em 1525, um Italiano que pagou do seu bolso para participar na viagem de Magalhães, onde serviu de cartógrafo e intérprete. Foi também um dos 18 homens da armada de 260, que completaram a viagem.

Baseados nesta crónica, e em outros documentos, vários livros modernos detalham a que foi, provavelmente, a maior odisseia marítima da história da Humanidade (recomendo o livro de Laurence Bergreen, “*Fernão de Magalhães, para além do fim do mundo*”); uma epopeia de coragem, política, intriga e aventura. Uma tal viagem ao desconhecido tinha também de ter aspetos científicos curiosos. Relato aqui um deles.

A “armada das Molucas”, capitaneada por Magalhães e composta por 5 navios partiu de Sanlúcar de Barrameda, Cádiz, Espanha (fig. 1). O Português, olhado com desconfiança por alguns dos capitães Espanhóis, ao longo da viagem reprimiu motins, venceu tempestades e cimentou a sua liderança. Em abril de 1521 estava no seu auge como explorador. Atravessou o Atlântico, cumpriu a sua promessa de descobrir uma passagem através do continente Americano (o estreito de Magalhães), navegou por mares nunca antes navegados, atravessando o Oceano Pacífico ao qual deu o nome, e reclamou para Espanha as Filipinas, entre outras paragens, convertendo ainda para a Fé Cristã muitos ilhéus.

Provavelmente apoderado por uma sensação de destino e invencibilidade, Magalhães envolveu-se num conflito tribal na região de Cebu, Filipinas, ao ponto de correr riscos desnecessários e tomar parte numa batalha mal preparada. Parcialmente traído pelos seus, e certamente traído pelo seu bom senso, aí tombou, numa paradisíaca praia da ilha de Mactan, perante as forças de um líder tribal chamado Lapu Lapu. Uma placa comemorativa afirma, no local, “Aqui, a 27 de Abril de 1521, Lapu Lapu e os seus homens, repeliram os invasores Espa-

nhóis, matando o seu líder Fernão de Magalhães”. Lapu Lapu tornou-se assim o primeiro Filipino a repelir a agressão Europeia.

A viagem continuou, capitaneada pelo Basco Sebastián Elcano, um dos líderes de um motim na costa Americana, que Magalhães havia poupado. Depois das desejadas ilhas das especiarias, navegar o Oceano Índico, circundar África, a 8 de Junho de 1522, o *Victória*, único navio sobrevivente da Armada, atravessou pela quarta vez o equador. Num reabastecimento, nas ilhas de Cabo Verde, os homens de Elcano confirmaram a data com os Portugueses na ilha, para se certificarem que o diário de bordo se mantinha exato, após quase três anos de registos. A resposta foi quinta feira e desconcertou os marinheiros, pois o diário indicava quarta feira. Como tinham perdido um dia?

Apenas mais tarde se percebeu que, ao viajarem para Ocidente voltando ao mesmo meridiano, tinham ganho 24 horas. 24 horas divididas por três anos dá pouco mais de um minuto por dia, em média, impossível de perceber aos marinheiros. Mas isto significava que os marinheiros tinham comido carne às sextas e celebrado a Páscoa numa segunda feira, violando a sua fé.

Nenhum astrónomo ou pessoa de ciência no Ocidente tinha antecipado que esta correção era necessária. Foi preciso que se fizesse a primeira viagem de circum-navegação para compreender a necessidade desta correção. Hoje, como é sabido, existe uma Linha Internacional de Data, que faz quem viaje de este para oeste ganhar um dia, o tal dia perdido pela Armada das Molucas.

Duas reflexões para terminar: 1) às vezes, a experiência revela factos que, óbvios *a posteriori*, a teoria não antecipou; 2) vá-se lá explicar isto com a “teoria” da Terra Plana....



Figura 1 - Azulejo comemorativo da primeira viagem de circum-navegação, na fachada lateral de Biblioteca Municipal de Sanlúcar de Barrameda.